

# PARADIGMAS DO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS

**Aluno: Danilo Marques da Silva Godinho**  
**Orientadora: Solange Jobim e Souza**

*“A juventude que faz profissão de fé em si mesma significa uma religião que ainda não existe” (Walter Benjamin)*

## 1. Introdução

Ao analisar autores que refletem sobre o tema da religião a partir de uma perspectiva sócio-histórica, tais como Jean-Pierre Vernant [8] e Peter Berger [3], constata-se que a relação do homem com o sagrado, ecoa de muito longe, nos remetendo às nossas origens e levando-nos a crer ainda mais na necessidade de contemplar este assunto sem perder de vista todo o seu inestimável valor enquanto aspecto intrínseco à condição humana, se transformando e se repetindo ao longo da história.

Para Vernant, a religião é o cimento que une e dinamiza as relações dos homens, funcionando desse modo como um laço social. Por essa razão, defende que o sagrado e o social devem ser estudados juntos, retomando como exemplo a Grécia antiga, e lembrando que em tal sociedade o sagrado fazia parte de todos os aspectos da vida comum. Lembrando autores, tais como Durkheim e Lévy-Bruhl alerta seus leitores sobre a estreita relação do vínculo social com o religioso:

*(...) “Pois não se esqueçam de que os Durkheim ou os Lévy-Bruhl, nossos pais nesse terreno, haviam compreendido que o vínculo social é, a princípio, um vínculo religioso; que a religião é acima de tudo, a maneira pela qual uma sociedade chega a pensar a si mesma. Para eles, social e sagrado deviam ser pensados conjuntamente.” (p.66).*

Continuando suas reflexões Vernant nos fala sobre a Grécia arcaica com a intenção de mostrar a intrínseca relação do sagrado infiltrado no corpo social.

*“Há também sociedade – a da Grécia arcaica, por exemplo – onde a descrença é inconcebível. São, em geral, sociedades onde o sagrado não tem definição estrita, já que irriga todo o corpo social, e pode ser encontrado tanto numa cerimônia religiosa quanto num rito culinário...” ( p.65).*

Segundo o autor, a religião é um sistema simbólico intrínseco ao pensamento humano na sua necessidade de produzir um mundo em que seja possível viver.

*“Em outras palavras, os homens edificaram toda uma série de sistemas que lhes permitem ultrapassar os dados do real, atravessá-los por visarem, por seu intermédio, a universos de significações, de valores, de regras, que servem de cimento para uma comunidade. Assim o homem se distingue do animal, que não fabrica ferramentas nem conhece propriamente a linguagem, nem a socialização, nem a história. Ora, para mim, a religião é um desses sistemas simbólicos.” (p.70)*

Trabalhando a partir de uma perspectiva semelhante a esta apresentada por Vernant em suas considerações sobre religião, Berger analisa a dimensão simbólica referindo-se a ela como um nomos, uma espécie de bússola que aponta um rumo e garante a coesão das significações. Desta forma, a religião representa na sociedade o nomos mais elevado, o mais eficaz instrumento para garantir alguma ordem na luta contra a eminência do caos, um estado de anomia em que o indivíduo perde a noção de sociedade, ficando a sua vida destituída de sentido. Pode-se dizer que a religião é a cosmificação do nomos, ou seja, o nomos enquanto ordem de como as coisas devem ser, recebe na religião uma aura divinificadora, um cosmos que o justifica com base num poder superior e por isso mesmo incontestável.

Desta forma, Berger nos diz que a religião é a instituição, a organização de cosmos, capaz de atribuir sentido à vida mesmo em face da morte, representando com isso a legitimação suprema das instituições; construir o mundo é construir um sistema que faça sentido e o cosmos religioso surge como província de ordem em meio ao caos que nos espreita.

## **2. Metodologia: A dimensão dialógica e alteritária no âmbito da pesquisa**

A pesquisa *“Paradigmas do religioso entre os jovens contemporâneos”*, tendo como base os conceitos de dialogismo e alteridade, de Mikhail Bakhtin [1], assumiu a proposta de ouvir os jovens sobre os modos como se apropriam da dimensão da fé e analisou a maneira como se expressam sobre esta questão,

confrontando pontos de vista. Na medida em que entendemos a relação da juventude com a religião como um dos aspectos da experiência humana que participa intensamente da constituição da subjetividade, atravessando épocas, culturas e espaços sociais distintos, nosso interesse tem sido explicitar o nível de profundidade com que os jovens de hoje, dependendo do contexto sócio-econômico e cultural que freqüentam, são capazes de expressar sua compreensão desta experiência interna transformando-a em atitudes na vida.

Uma das principais características da metodologia aqui utilizada é a de procurar integrar a análise teórica com a produção de um conhecimento gerado no campo da pesquisa com o nosso público alvo, construindo estratégias para reunir, analisar e discutir as narrativas sobre o tema “Juventude e Religião” que emergem a partir de uma dinâmica que denominamos “Oficinas de debate com grupos focais”, contemplando *grupos de jovens*, entre 18 a 25 anos de diferentes segmentos sociais. Esta pesquisa, que pode ser considerada uma forma de intervenção, teve como propósito organizar um conjunto significativo de depoimentos gravados em vídeo, para posterior análise e edição. A intenção foi, além de conhecer a juventude a partir da religião como um aspecto da vida social que é constitutivo do sujeito, criar também oportunidades dos jovens se confrontarem com as suas próprias experiências religiosas, além de compartilhar através do debate e de uma escuta atenta do outro, as infinitas possibilidades de se construir um modo de ser a partir da experiência religiosa.

Todo o material discursivo, produzido em cada encontro de debate sobre este tema foi gravado em vídeo para, posteriormente, ser utilizado com novos grupos de jovens. Nosso objetivo foi o de ampliar o debate social sobre a experiência religiosa e sua diversidade de possibilidades de manifestação. Deste modo, pretendeu-se desencadear uma consciência crítica, a partir de jogos de linguagem entre jovens de diferentes segmentos sociais, propiciados pelas “oficinas de debates”, tendo em vista analisar os movimentos de tolerância e intolerância e o respeito pelo outro na contemporaneidade, a partir de um olhar para o cotidiano que nos conduz, em última instância, a uma análise do sentido da ética no mundo atual a partir da experiência da religiosidade entre os jovens.

### **3. As oficinas de debates: com a palavra os jovens**

#### **3.1 Religião: liberdade ou submissão?**

O entendimento do papel da religião ao longo da história de que o sagrado funciona enquanto um sistema simbólico que institui algum sentido à vida do indivíduo, e que com isso transcende os dados do real, aparece em nossas oficinas de debate da seguinte maneira:

*“Cecília: - Acho que a religião vem para vida de uma pessoa ocupar um lugar, como se fosse assim, colocar a vida em perspectiva, dar perspectiva para vida. Ela vem com uma explicação, ela vem com alguma orientação de futuro, ela te auxilia, ela de alguma forma suporta a pessoa de alguma maneira, religião seja ela qual for. Acho que cada uma com sua doutrina, cada uma com suas crenças, ela vai mais ou menos por aí. E nesse sentido, acho a religião muito importante pro ser humano, seja ela qual for.”*

Ao longo dos debates destacamos duas concepções de religião bastante distintas: uma que contempla a filiação a uma instituição religiosa como uma possibilidade de ser livre, e outra, que diferentemente da visão anterior, aponta para uma perspectiva que reflete, em contrapartida, o caráter institucional da religião como cerceamento da liberdade do sujeito.

A fala da jovem Mariana expressa de modo bastante nítido a convicção de que fazer parte de uma determinada crença religiosa, não representa uma alienação, mas antes uma possibilidade de compartilhar esta experiência de contato com o sagrado no bojo de uma comunidade na qual questões podem ser discutidas, refletidas e elaboradas. Vejamos uma pequena parte do seu depoimento:

*“Mariana: - A religião no meu caso não me limita, pelo contrário, eu me sinto liberta disso, eu sou livre. Eu sou metodista e nas minhas reuniões, nos meus grupos de jovens, há sim uma discussão, há sim uma reflexão, baseada não só no que é pregado, mas no que a gente está vivendo. Os jovens a maioria é universitário, e mesmo que não fosse. Então a gente está sempre debatendo, porque a gente tem os nossos questionamentos, então eu não acho que limita, pelo contrário, eu acho que eu nunca me senti tão livre depois que eu me converti. Eu me converti com doze anos, hoje eu tenho vinte e dois, então eu já estou aí há bastante tempo, faço parte do grupo jovem.”*

De acordo com esta perspectiva o comprometimento com determinada estrutura religiosa não desvaloriza aquilo que se experimenta na vida, representando justamente o oposto, ou seja, a possibilidade de dar contorno e forma através da experiência religiosa para o que está sendo experimentado na vida.

Outra jovem também trouxe para a discussão uma compreensão sobre a religião semelhante ao que é apresentada por Mariana, pois para ela a religião também surge como uma forma de dar conta de questões existenciais:

*“Cidiane: - Acredito em Jesus Cristo, e vejo assim, que não limita. E ao contrário sinto, e não é só sensação, mais existencialmente eu me percebo cada vez mais livre como ser humano, como mulher também, na medida em que eu, não vou usar a palavra ‘adequar’, como alguns podem usar: ‘aquilo se adequa, aquilo se limita, aquilo segue ou normatiza’; mas a medida em que trago para minha vida isso, me sinto mais livre sim, até porque quando a gente segue, resolve ou opta por alguma coisa é porque a gente acredita e aquilo vem ao encontro a necessidades profundas do ser.”*

Em contrapartida a esta perspectiva, Gabriel expôs uma aversão ao caráter institucional da religião, compreendendo-a como um mecanismo de manipulação que cerceia a liberdade dos sujeitos. Isso aparece articulado na sua fala do seguinte modo:

*“Gabriel: - Eu acho, na verdade, que a religião, qualquer que seja ela, ela reflete a sociedade como um todo, as leis, e digamos assim, são na verdade estruturas feitas para tentar colocar a gente numa determinada linha, digamos assim, normatizar a gente para tentar de alguma forma docilizar; o que é importante para que a gente consiga se constituir como seres sociáveis, acho que é uma forma de suprir, colocar as pessoas dentro de certos limites (...) qualquer tipo de sistema de crenças que tentam me dar linha e queiram dar uma diretriz para a minha própria vida, então acho isso limitador.” (Gabriel)*

De acordo com Gabriel, a religião institucionalizada, está sempre organizada em termos de poder, ficando deste modo sujeita ou exposta às mais variadas apropriações, em muitos casos compreendida por ele como uma forma de suprimir a liberdade:

*“Gabriel: - É lógico que existe uma dimensão na religião que é algo de ensinamento, de interiorização e de reflexão. Existe e eu acho que todas as religiões, sem exceção, trazem algo bem profundo. O problema é como nós*

*enquanto seres humanos, que erramos, nos apropriamos, de como utilizamos. E é nesse ponto, sobre esse ponto na verdade, que eu tava falando no início; que é uma questão que eu consigo, eu, por exemplo, identifico em praticamente todas as religiões, que é um “q” de manipulação, de manipulação de trazer na verdade as leis ou as leis divinas, o que é certo, o que é errado, e de dizer como a gente deve agir, e a gente tem que agir de uma forma correta. (...) Eu diria que religião, o termo religião, o caráter institucional da religião é poder. Claro. Porque qualquer instituição é poder, certo? E tem que ser. E tem que ser, para ter uma mínima estrutura, uma estrutura estável para poder sobreviver. Claro que é. Religião católica é poder? Obvio. Evangélica é? É, claro. Umbanda é? É também. Todas elas caminham juntas no poder, tem uma estrutura coercitiva.”*

Neste caso, o caráter institucional da religião é tido como estrutura coercitiva e não se filiar a estas estruturas representa então a possibilidade de mergulhar em si mesmo e refletir sobre as próprias questões, o que dentro de determinado credo religioso é percebido como mais difícil de ocorrer. A seguinte passagem extraída da fala de Gabriel demonstra bem esta perspectiva de que a presença de uma instituição representa uma inibição, o esvaziamento de um potencial reflexivo:

*“Gabriel: - É lógico que ser livre, ou seja, ser livre de crenças ou crenças compartilhadas, de alguma forma tem os seus contras. A gente acaba ficando mais angustiado, no meu caso acaba ficando sem chão às vezes, mas de alguma forma permite que eu ou outra pessoa que também não queira se enquadrar nesses mecanismos, se envolvam nas suas próprias crenças, se interne, se interiorize muito mais do que tentar aceitar uma estrutura pronta, dada; enfim, sem contestação, sem objeção. Acho que abre para mais possibilidades para que a gente consiga se fazer ser, mais do que querem que a gente seja, ou que deus falou para gente ser, ou que é certo ou que é errado, ou que determinada estrutura social julga como sendo correto.”*

Estas diferentes perspectivas compreensivas do caráter institucional da religião, que podem ser resumidas num quadro de **“liberdade versus poder”**, resulta em diferentes concepções do que seja salvação, ou mesmo da imagem que se produz em torno de um líder religioso. Enquanto Cidiane acredita que salvação representa humanização, o Gabriel contempla esta problemática com um olhar desconfiado, pensando-a em termos de controle, e focando a

construção simbólica de um líder como mais uma ferramenta do poder institucional. Seguem trechos retirados da fala destes dois jovens:

*“Gabriel: - A questão de se colocar um líder religioso, um mestre, na posição de um salvador, de um pai que na verdade veio nos salvar porque nós somos pecadores, digamos assim. Então se coloca esse ídolo inatingível, ideal inatingível, e, portanto, nos faz sentir totalmente submissos e incapazes ou imperfeitos, o que é natural, não é?! Essa idolatria ao meu ver, acaba tendo um “q” de infantilização, porque aí a gente faz tudo, e tudo o que a gente faz a gente pede, a gente ora pedindo para tudo, a gente, digamos, encara como nosso salvador, quem vai salvar, quem vai purificar a gente dos nossos pecados, o que eu acho que é exatamente o contrário; não existe, para mim não existe, por exemplo, essa questão de salvador, de um Deus encarnado, mas muito mais uma pessoa, um mestre, uma pessoa muito sábia que nos apontou um caminho, que disse: ‘bom esse é o caminho que eu to mostrando para vocês, me sigam’, e não: ‘eu sou o salvador, eu vou salvar vocês’. Existe uma diferença.”*

*“Cidiane: - A salvação no meu conceito significa humanização. Então é interessante pensar em Jesus Cristo não como algo ideal, perfeito; eu não tenho essa visão. Inclusive quando eu falava de Jesus Cristo, quando eu falei, assim como a Mariana falou, quando a gente diz ‘eu acredito nisso’, é como se fosse um discipulado. (...) Então eu sou cristã, sou discípula de Jesus Cristo. Eu vejo dessa forma; é um homem! Um homem! Se é deus encarnado, isso é uma questão teológica, eu nem trago para cá isso. Mas a questão é que no meu entender ser cristão é ser essencialmente homem, ser essencialmente mulher.”*

O que parece estar em jogo neste caso são as diferentes formas de apropriação da religião. O que se conclui disso, é que a fé está constantemente sujeita a existência de mecanismos de controle que podem pasteurizar e direcionar formas específicas de se conectar com o sagrado, corrompendo e distorcendo alguns princípios em leituras fechadas e intransigentes que dificultam reflexões e re-significações dotadas de um potencial transformador, e que fica claro na fala do Gabriel. No entanto, o que Cidiane argumenta no trecho citado acima, é que é possível estar dentro de uma instituição religiosa compartilhando a experiência do contato com a dimensão do sagrado, sem que com isso se perca o sentido profundo que tal experiência pode proporcionar para o sujeito. A fala desta jovem, a exemplo também da fala da Mariana, reproduzida abaixo, defende a possibilidade de desenvolvimento da fé como

experiência viva que transcende as contradições presentes nas instituições religiosas, tal qual aquelas verificadas na história do cristianismo.

*“Mariana: - Mesmo sabendo disso tudo, que há paradoxos e há contradições, o que eu vivo é uma coisa que vai muito além disto. Porque isso é estudado dentro da Igreja, é dado; não é? Eu faço Teologia, então tem todo, a gente tem todo um amparo teórico, histórico e mesmo, vai muito além disso. Entendeu? Então, assim, essas coisas são muito interessantes, como a história, como tudo que é passado, mas o que eu vivo vai muito além disso, é uma experiência viva. A experiência que eu tenho com Cristo e hoje com a Igreja, que para mim é essa coisa mesmo, do compartilhar, do viver em comunidade, é uma experiência viva.”*

### **3.3 Religião e Espiritualidade**

Esta problemática a respeito dos diferentes usos que podem ser feitos da religião aparece nas reflexões de Leonardo Boff [4], no seu livro “Espiritualidade – Um caminho de transformação”. Segundo o autor, institucionalizadas, as religiões correm o risco de se afastar da espiritualidade que lhes deram origem, se corrompendo na busca pela detenção de uma verdade absoluta e pelo poder:

*“Ao substantivar-se e institucionalizar-se em forma de poder, seja sagrado, social, cultural e milenar (como nos estados pontifícios de outrora), as religiões perdem a fonte que as mantém vivas – a espiritualidade.” (p.28)*

Refletindo sobre aquilo que distingue a religião, da espiritualidade, Leonardo Boff retoma a distinção feita por Sua Santidade, o Dalai-Lama:

*“Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. Ritual e oração, junto com as questões de nirvana e salvação, estão diretamente ligados à fé religiosa, mas essas qualidades interiores não precisam ter a mesma ligação. Não existe portanto nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico.” (p.20)*

)  
O que Leonardo Boff chama de espiritualidade, concordando com a noção apresentada pelo Dalai-Lama, diz respeito à experiência singular de cada sujeito, a uma capacidade de auto-transcendência do ser humano que independe



de rituais, celebrações, ou dogmas de determinada estrutura de pensamento religioso. As instituições são “água canalizada”, porém, não podem ser confundidas com a fonte de onde a “água cristalina” parte, que é a essência mesma da espiritualidade. E é neste sentido que o autor afirma:

*“Há mudanças que são interiores. São verdadeiras transformações alquímicas, capazes de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas. Não raro, é no âmbito da religião que ocorrem tais mudanças. Mas nem sempre. Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individualização e como espaço de paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais.”* (p.16)

Esta noção de espiritualidade pode ser verificada tanto na fala do Gabriel, como no depoimento da Cidiane, embora estes dois jovens percebam as instituições religiosas de modo muito distinto, como já ficou demonstrado. Selecionei três passagens para exemplificar a presença da espiritualidade nos discursos dos jovens:

*“Gabriel: - Mas realmente existe essa coisa, existem católicos que não vão à Igreja todo domingo; existem católicos, enfim, que não seguem o catolicismo estrito senso, mas que de alguma forma se conservam católicos, e são esses que talvez mudem a estrutura dogmática da própria Igreja futuramente, ou que estejam mudando, ou que mudam as estruturas dogmáticas de vários sistemas religiosos. Mas enquanto não muda existe essa dicotomia existe esses opostos, existe essa contradição.”*

*“Cidiane: - As pessoas, eu sinto assim, aquelas que realmente vivem a espiritualidade, não são cerceadas em sua liberdade, mas na verdade ela vem ao encontro de necessidades realmente existenciais e profundas do ser.”*

*“Gabriel: - Eu também já tive experiências maravilhosas, extasiantes inclusive, que me fizeram mudar totalmente o foco na minha vida, inclusive independente de religião mesmo, uma experiência minha interna, e eu acho que isso é religiosidade; religiosidade é quando você se permite vivenciar ao imperfeito, o absoluto, alguma coisa assim; ou quando a gente se permite ter uma experiência com o todo, que é nossa, que transcende, mas também é imanente. Isso para mim é fundamental, aliás, é o meu ideal de vida.”*

### 3.4 Religião e globalização

No livro, “Globalização e Religião” [6], Enzo Pace apresenta uma compreensão do contexto atual, em que o mundo moderno se caracteriza por uma desterritorialização, uma dissolução das fronteiras simbólicas que separam as mais variadas culturas, o que leva à existência de um número cada vez maior de zonas francas enquanto espaços virtuais ou reais de contato com o Outro. Estas zonas apontam para uma tendência ao desenraizamento planetário, para uma perda de identidade, divulgando e operando um intercâmbio de diferentes culturas, e conseqüentemente de diferentes religiões também.

Este intercâmbio religioso promovido pelo desaparecimento de fronteiras religiosas rígidas pode ser constatado pela crescente atenção recíproca e pelo esforço das religiões em falarem umas às outras, representando um aspecto característico das grandes religiões atualmente. Desta forma, dialogam entre si sobre os problemas que perpassam a espécie humana, tentando com isso se manterem atualizadas e adaptadas ao contexto de interdependência mundial ditado pela globalização. No debate realizado, a fala de um dos jovens contempla esta tendência das religiões contemporâneas.

*“Luciano: - Eu conheço pessoas dentro da Igreja Metodista que têm uma visão ecumênica, as pessoas conversam com outros religiosos. Onde eu moro, tem um terreno de Candomblé, vai construir uma capela lá dentro. E tem pastor evangélico da Igreja Presbeteriana, que é amigo da mãe de santo, a Yalaorixá. As pessoas, a gente está vendo o problema do Oriente Médio hoje, a gente vê essa coisa de aceitar o outro, que acho que é o exercício, assim, mais difícil, que envolve essa dimensão da religiosidade. Acho que é isso, essa dimensão da alteridade, aceitar o pensamento do outro que pensa diferente de mim, acho que isso é a coisa mais difícil mesmo.”*

Justamente por implicar num desenraizamento, o contexto do mundo globalizado exige e estimula que as nações adotem uma postura um tanto mais aberta para o Outro diferente, uma postura de não confiar mais totalmente no seu próprio sistema simbólico de interpretação do mundo, nas suas crenças, tanto políticas, como sociais ou religiosas, se dispondo a aprender com outras culturas. Durante o debate, Gabriel chamou a atenção para este fato.

*“Gabriel: - Poder até mesmo aceitar, de repente incorporar, se existe algo de bom nesse pensamento do outro, incorporar isso no nosso sistema de crenças. O problema é essa rigidez que há entre as religiões, dizendo: ‘não essa aqui é a verdade, a palavra divina, vamos aceitar isso como verdade absoluta’.”*

O processo de globalização fez surgir duas tendências no cenário mundial, duas posturas possíveis a serem adotadas: a abertura à mestiçagem cultural, as forma híbridas, o que é a essência mesma dos sincretismos, ou o refúgio em universos simbólicos fechados, o que significa a busca das raízes representada pelos fundamentalismos, que mantém uma realidade social unida e coerente ao redor de si mesmos. Com isso, embora o Gabriel tenha chamado a atenção para a rigidez que há entre as religiões, levando em conta a tendência aos fundamentalismos ainda existentes, as instituições religiosas em geral, mesmo as mais tradicionais, estão sendo levadas a se remodelarem para que possam se manter no “mercado religioso”.

Deste modo, mesmo em face dos fundamentalismos religiosos ainda presentes, verifica-se de fato um diálogo inter-religioso que abre para formas menos rígidas e menos fechadas em si mesmas no contato com a dimensão religiosa. A desconstrução da idéia de uma verdade absoluta, para a acepção de uma liberdade que contempla a possibilidade de integração de diferentes crenças para se edificar uma fé individual e subjetiva, menos presa às tradições, são fatores determinantes para o enfraquecimento do poder das instituições sobre os indivíduos, dito desta forma por Enzo Pace.

*“Em termos estritamente sociológicos tudo isso tem um nome. Chama-se processo de libertação religiosa: afastamento dos crentes das religiões institucionais ou frágil pertencimento (e identidade) do indivíduo às instituições religiosas “de origem”.” (p.34)*

Essa necessidade atual verificada entre as religiões, de se remodelarem afim de sobreviverem a este contexto plural, que acaba por punir os sistemas intransigentes e intolerantes, enclausurados em seus dogmas e suas verdades, pode ficar clara no seguinte depoimento:

*“Jessé”- Eu tenho uma entrada muito forte no meio evangélico, e uma coisa que me chama atenção é que, é um exemplo só, mas é que para mim, me chama bastante atenção: no final de setembro, outubro, vai ter um congresso, acho que em Cabo Frio, o título é mais ou menos o seguinte “Congresso de solteiros, divorciados, desquitados evangélicos”. Quer dizer, a pessoa um dia se casou, se divorciou e não saiu da religião, permanece enquanto evangélica e tem espaço para se discutir. O importante é atualizar a crítica dos dogmas.”*

Sobre as muitas conseqüências desta necessidade de adequação das religiões ao cenário contemporâneo, Pace afirma que há um esvaziamento que serve para atender algumas demandas.

*“Podemos dizer que agindo desta forma as grandes religiões se globalizam, banalizando as diferenças, até mesmo importantes que existem entre elas. Então, por que surpreender-se diante do fato de que aqueles que “consomem” as mensagens religiosas deste tipo, através dos meios de comunicação de massa, percebem cada vez menos os limites simbólicos entre diferentes, e às vezes antagônicos, sistemas de crença religiosa?” (p.38)*

O pluralismo religioso, expresso nos sincretismos que dão luz a novas maneiras de elaborar a fé, que despontam no horizonte contemporâneo, foi percebido por uma jovem, Késsia, como perigoso. Segundo ela, em muitos casos, este pluralismo pode acarretar num esvaziamento das premissas religiosas, sujeitas a se tornarem superficiais. Para ela toda esta engrenagem pós-moderna pode levar a uma falta de verdadeira implicação religiosa:

*“Késsia: - Eu acho ótimo, assim, cada um vai buscar a sua maneira, do seu jeito, na sua vivência, um meio que acha mais adequado de ver o mundo. Assim como nós os psicólogos, cada um tem a sua linha que acha mais adequada ao seu cliente; enfim, meio que comparando muito mal, dá no mesmo, no sentido do quanto é rica essa diversidade toda. Eu só questiono um pouco a galera que faz meio que uma salada. Assim, teve um ali que falou que ao mesmo tempo vai em várias coisas diferentes: isso é um momento de conhecimento, de busca, ou é uma coisa comum? Tipo, eu acho muito legal, você falou que fez não é? Foi católico durante um tempo, está conhecendo uma outra religião. Acho ótimo também ter um conhecimento das outras, dos outros tipos de religião, até para saber porque que eu não me encaixo, porque que eu não gosto. Mas a salada de frutas é que eu não acho muito interessante não.”*

Em contraponto a esta visão de que o pluralismo religioso oferece o perigo de uma banalização do sagrado, Gabriel argumenta que a mistura de

diferentes crenças religiosas pode ser positiva, ou seja, o “caos” de onde pode surgir algo novo:

*“Essa salada de fruta gera uma determinada caoticidade? Gera. Mas talvez, dê abertura, pro novo.” (...) “é claro que acaba entrando num caldeirão meio caótico, mas eu acredito que dentro dessa caoticidade, acaba saindo uma ordem, acaba saindo um determinado sistema, uma determinada teologia, que talvez possa ser tanto mais aberta, mais interessante.”*

### **3.5 Religião e Política**

Refletindo sobre estas mesmas questões, em “Globalização e Religião” [6], o texto de Reginaldo Prandi fala sobre a contradição presente na era pós-moderna, de se apresentar como uma época em que o religioso se manifesta em múltiplas crenças, novas e antigas, mas que ao mesmo tempo revela uma não dependência com relação ao sagrado, como se podia constatar em outros episódios da história humana.

Prandi vai além, refletindo sobre qual seria então a participação da religião neste mundo globalizado onde surgem e desfilam substratos religiosos de toda origem. A partir daí, levanta a questão do que pode ser feito de toda a fragmentação, expansão, divulgação e profusão do religioso pelo mundo. Neste ponto, aproxima a religião da política, vislumbrando nela todo um potencial democrático.

*“Mas no tempo da diversidade multicultural planetária, como antes, há religiões e religiões. Na relação de aceitação e rejeição do mundo firmada por cada uma pode-se encontrar a chave de articulação religião-mundo-política. Aí, pluralidade religiosa pode ser também pluralidade de concepções políticas ensinadas por diferentes religiões.” (p.67)*

A religião pode, a partir da sua função histórica costurar um sentido para a vida do indivíduo, ser agora melhor explorada no seu potencial de agregar valores em torno de uma democracia global. As religiões, circulando hoje mais livremente, descontando-se o caso dos fundamentalismos, podem ser capazes de operar um saber viver com o Outro diferente, no bojo de uma verdadeira comunidade. Daí o autor dizer:

*“Religiões que valorizam os ideais de coletividade e os direitos coletivos acima da individualidade e da subjetividade, acreditando que há um*

*senso de justiça universal que precisa ser levado ao mundo para sua transformação, abrem certamente uma porta favorável à participação política democrática dos devotos.” (p. 68)*

Esta perspectiva apontada por Prandi, de que o contexto atual representa o momento histórico propício para uma aproximação da religião com a política, operando com isso a promoção e difusão de valores que visam uma ética comunitária, pode ser encontrada nos seguintes trechos extraídos do debate:

*“Luciano: - A gente teve a teologia da libertação, que foi pensar a religião numa dimensão mais politizada, uma coisa mais de libertação. Eu concordo com as duas meninas aqui em relação à questão de que a religião ela também pode proporcionar um grau maior de liberdade sim, também. Acho que depende muito das práticas porque, assim como a gente tem a teologia da libertação, existem outras vertentes como a TFP- Tradição, Família e Propriedade, que tem coisas positivas. Mas também tem outras vertentes que discutem, a própria CNBB de certo modo, ela traz à tona algumas discussões do plano político nacional e global também, sobre a questão da desigualdade no Brasil.”*

*“Cidiane: - Com relação à multipluralidade, eu acho que é muito interessante isso. Eu vivi, sempre fui católica, mas passei por vários estágios. No primeiro estágio eu vivi uma Igreja, assim uma teologia da libertação. Vivi essa coisa da doutrina social da Igreja, essa coisa fortíssima, politizada não sei o que; acho ela muito interessante, eu acho que ela veio num momento crucial da Igreja, que a Igreja se fechava muito.”*

### **3.6 Religiosidade: entre a herança e a individuação**

Outro autor que nos tem sido muito útil no desenvolvimento desta pesquisa é Jean Perreault [7]. Sua análise sobre as relações entre juventude e religião, que é aqui o nosso foco, favorece um entendimento maior do contexto atual, apontando para um olhar que contempla as juventudes de hoje como as primeiras gerações herdeiras do processo de secularização religiosa, iniciado a partir dos anos sessenta e setenta, e intensificado nos anos oitenta.

Segundo Perreault, os processos de globalização e secularização trouxeram consigo uma tendência à individuação do crer, em que a fé ficou mais livre e acessível para ser elaborada de um modo mais particular. Observa-se a partir de então, um processo de reconfiguração do religioso, em que criam-

se outros sistemas de sentido, não mas diretamente atrelados à autoridade das religiões tradicionais e às formas antigas de transmissão do sagrado.

As duas principais conseqüências deste processo foram, de um lado os fundamentalismos e sincretismos como respostas antagônicas (os primeiros representando uma postura de fechamento e os outros ensejando uma abertura ao intercâmbio cultural), e a ruptura com uma transmissão linear dos valores religiosos dentro da família.

Sobre este segundo produto da secularização religiosa, é interessante pensar que numa época em que eclodem centelhas de fé de toda espécie, divulgadas e proliferadas por toda parte, não se podia esperar outra coisa, senão uma perda do monopólio das famílias na transmissão de um legado religioso. O fato da religiosidade ter sofrido uma abertura, um processo de secularização, fez com que a fé deixasse de pertencer ao clã familiar e passasse a “circular” pelo domínio público com mais liberdade.

Esse processo de libertação de uma transmissão linear dos valores religiosos, outrora quase que obrigatoriamente herdados do seio familiar, aparece claramente no depoimento da jovem Luciana:

*“Luciana: - Eu vim de uma família do sul de Minas, família do sul de Minas é conservadora, é muito católica, tem toda aquela tradição não só de ser batizado, mas de tem que fazer crisma, todo um acompanhamento dentro da Igreja Católica. Hoje eu pude entender que eu posso ter minha fé em meu deus, não precisa ir à Igreja, isso é a minha experiência ninguém precisa seguir a minha, mas eu posso ir à Igreja de vez em quando, quando eu preciso pedir alguma coisa, rezar. Não preciso ir todos os domingos, se eu não for em algum domingo eu não vou ser... Nem preciso concordar e compactuar com todos os dogmas da Igreja Católica instituição, para vivenciar minha fé, para achar que eu posso ir no espaço da Igreja rezar e ter um deus. Então acho uma coisa, na minha cabeça faz muito sentido essa diferenciação: uma coisa é a fé que eu tenho em deus, deus que eu acredito, e o espaço da Igreja Católica é um espaço para me sentir protegida ali dentro e, quer dizer, é mais um espaço de meditação, de silêncio e eu rezo pra aquele deus que eu acredito desde pequena, faz parte da minha família, da minha vida.”*

A liberdade maior gozada pelos jovens no momento de fazer escolhas religiosas, aponta para um voluntarismo que restringe o papel da família, ficando esta responsável apenas por orientar, dar uma direção, mesmo que o

jovem se decida por outra. O trecho seguinte foi retirado do discurso da Késsia durante o debate, e representa bem esta noção:

*“Késsia: - Achei legal que uma das entrevistadas falou que a família não tem que escolher religião dos seus filhos. Concordo, ok. Mas assim, do mesmo modo que, como pais, a gente tenta meio que orientar para uma escola melhor, um meio social melhor, na verdade os pais inserem os filhos no meio religioso mais adequado que eles acham no momento, e a gente amadurece para isso, para questionar, para ver se ta de acordo, fazer uma opção nossa. A gente tem a opção de ficar passivo na história ou reeditar. Eu tive a minha época de parar e pensar, vamos lá é isso o que eu quero? Ta quero, mas não quero tão dentro da Igreja assim, ta dentro demais... Fui quase mandada pro convento sem querer (risos); é sério, faltava só dizer o “sim”, já tava tudo arrumado, foi um susto bem grande, aí eu disse “não péra aí!”*”

Observa-se nestes casos, que o primeiro contato com a religião ocorreu dentro da família, mas com o passar do tempo, estas jovens encontraram no mundo um espaço para conhecer outras crenças, ter contato com outros valores, para então formar suas próprias convicções. Conforme foram crescendo, puderam questionar de alguma forma as suas religiões de origem, buscando com isso aliar aos ensinamentos de berço as experiências particulares e subjetivas que foram vivendo, elegendo aquelas que reverberaram algum sentido maior. Estes depoimentos engendram a tendência contemporânea entre os jovens de buscar um equilíbrio entre aquilo que recebem enquanto herança do seio das tradições familiares, com aquilo que sentem como sendo verdadeiro para as suas vidas.

Diante de uma ordem que defende e propaga a noção de que os valores devem circular livremente, a fim de que haja o contato entre as mais diversas religiões que competem por um espaço na vitrine do mercado mundial, cada sujeito é instigado a desenvolver um sentido particular e único para a sua experiência, podendo misturar em si, substratos de variadas expressões religiosas. Por esta razão, o dogmatismo religioso sofre uma flexibilização, operada principalmente pelos mais jovens, que trazem consigo, como legado herdado das gerações pregressas, todos os frutos do processo de secularização citado.



A mistura de aspectos variados, pertencentes às mais distintas crenças, em religiões plurais, livres de um controle maior das instituições e das tradições religiosas familiares, oferece a todos que assim desejarem, a possibilidade de fundar uma conduta ética própria e singular.

### **3.7 Juventude: profissão de fé**

Walter Benjamin [2], com toda a sua genialidade, teve a sagacidade de vislumbrar na juventude alemã do início do século XX, os primeiros raios de luz que emergiam no horizonte moderno iluminando uma aurora religiosa diferente.

A leitura do texto “O posicionamento religioso da nova juventude”, de Benjamin (1914), mostra que o autor, mesmo vivendo no início do século XX, já era capaz de vislumbrar algum significado que a religião começava a assumir entre os jovens alemães. Segundo ele, aquela era uma juventude que ainda não tinha elementos o suficiente para assumir um posicionamento religioso, mas que estava no centro do movimento em que nascia o novo:

*“É no âmbito da juventude que a religião atinge a comunidade de maneira a mais intensa, e em nenhum outro lugar a ânsia por religião pode ser mais concreta, íntima e penetrante do que na juventude”. (p.27)*

Entretanto, Benjamin se valendo de um olhar crítico sobre a juventude de sua época, diz:

*“Agora, porém, uma juventude vem ocupar o espaço que se confunde com a religião, que é o próprio corpo em que a religião sofre suas penúrias.” (p.28)*

Neste texto, Benjamin está falando de uma juventude “perdida” em meio à falta de possibilidades de escolhas, uma juventude situada no caos, no bojo da transformação. A falta de possibilidades de escolhas, o vazio característico de um não lugar religioso, ou, de um lugar ainda por ser inventado, fez deste jovem alemão, do início do século XX, um esboço do voluntarismo religioso presente no espírito dos jovens contemporâneos.

O contexto moderno em que Benjamin estava inserido ao escrever este texto, fala de uma juventude que apontou na direção de um rompimento com esta perspectiva tradicional da experiência religiosa, abrindo caminho para outras formas de escolha, que a possibilitassem inventar e tornar legítimos outros símbolos religiosos, já que na falta destes viveu no caos, sucumbindo com isso, ao regime do “permitido-proibido”. Aquela juventude viveu a falta de recursos, ficando sem ter como romper com as formas antigas; ao situar-se num estado de abdicação das velhas estruturas, teve de resistir ao desaparecimento dos objetos sagrados, legando às próximas gerações o experimentar do erigir de novos símbolos religiosos.

É neste sentido que Benjamin afirma: *“Uma geração quer estar novamente na encruzilhada, mas os caminhos não se cruzam em parte alguma. Toda juventude tinha a obrigação de escolher, mas os objetos desta escolha já lhe estavam predeterminados. A juventude atual encontra-se perante o caos em que os objetos de sua escolha (os objetos sagrados) desaparecem. (...) Não há nada que a juventude exija com mais urgência do que a escolha, a possibilidade da escolha, da decisão sagrada sobretudo. A escolha gera os seus próprios objetos – essa é a sua convicção mais próxima da religião”* (p.28)

Aquela juventude alemã, de um século atrás, trouxe no bojo de sua existência, uma perspectiva ética e política para a religião. Prescreveu, através do seu viver, a direção que conduz à possibilidade de escolha, possibilidade esta que garante a criação de novos objetos sagrados. Por isto, surge no discurso de Benjamin, autor precursor de um redimensionamento da religião, como um modo de ensejar a eminência de uma nova profissão de fé que traria consigo a possibilidade de mudanças, ainda que esta mesma juventude não pudesse ter vivido esta possibilidade de escolha. O seu papel parece ter sido existir num espaço vazio, ainda a ser preenchido, espaço que representou a esperança alvissareira do novo.

Parece irônico pensarmos que em menos de um século, o jogo se inverteu, e os jovens atuais “lideram” a comunidade na luta por inscrever outras formas de se conectar com a dimensão religiosa. Benjamin, de certo modo já previa isto, profetizando no final do texto em questão:

*“Na luta, no vencer ou no sucumbir, ela deseja encontrar a si mesma. Ela sabe que a partir desse momento não conhecerá mais nenhum inimigo, sem que por isso se torne quietista” (...) “Quem a combate não pode conhecê-la. Mas através da história, essa juventude ainda saberá enobrecer os seus inimigos, então finalmente impotentes perante ela” (p.30)*

O panorama atual parece corroborar esta noção, já que o jovem de hoje goza de uma liberdade muito maior para fundar o contato com a dimensão religiosa nas suas próprias experiências, a partir da sua própria caminhada, o que preenche o seu existir de um sentido particular, que nem por isso deixa de estar inscrito numa ética comunitária. Esta noção aparece bem descrita na reflexão de Perreault:

*“O “peregrino” moderno torna-se o ator principal da construção do sentido, na medida em que só ele pode traçar seu itinerário, viver a experiência da estrada, com o risco da itinerância. “Os traçados espirituais pré-fabricados” não só não têm mais credibilidade, mas toda palavra deve submeter-se a um processo no qual os juízes são o indivíduo e a experiência pessoal” (p.168)*

Do debate realizado, o que fica de mais importante é que a partir das muitas questões discutidas, tais como a religião pensada em termos de “poder versus liberdade”, a diversidade religiosa atual, verificada a partir da pluralidade de religiões que se espalham pelo mundo, e a perspectiva de uma aproximação mais estreita entre religião e política, conclui-se que o momento histórico aponta numa direção que, ao que tudo indica, representa uma evolução dos valores humanos em prol de um mundo melhor e mais justo, mundo este que segue na luta pela aceitação e legitimação de formas singulares de experimentar a vida. Daí pode-se inferir que a experiência religiosa de cada um mesmo sendo única e subjetiva funciona como um laço social que une, dinamiza e transforma os homens através dos tempos.

### **Referências Bibliográficas**

1 - BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- 2 - BENJAMIN, W. Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- 3 - BERGER, P. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 4 - BOFF, L. **Espiritualidade – Um Caminho de Transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- 5 - NOVAIS, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- 6 - ORO, A.P.; STEIL, C.A. **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- 7 - PERREAULT, J. **Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião**. In: CASTRO, L. R. Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais. I ed. Rio de Janeiro, 2005.
- 8 - VERNANT, J.P. Para que servem as religiões, *Religião e Sociedade*, 9: 65-70, jun. 1983.